
Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo

Studying the Lessons of Things: Analysis of the Philosophical Foundations of the Intuitive Teaching Method

Marcia Salete Wisniewski Schaly
Anita Helena Schlesener
Universidade Tuiuti do Paraná
Curitiba PR-Brasil

Resumo: Vera Teresa Valdemarin (2004), na obra *Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo*, apresenta uma análise dos diferentes manuais didáticos constituídos a partir do método do ensino intuitivo, adotados no Brasil no ensino primário, no final do século XIX. A autora inicialmente constrói o objeto de seu estudo fazendo uma síntese e avaliação dos principais aspectos do empirismo. Então, analisa quatro manuais que orientavam a prática pedagógica no período citado, fazendo um entrelaçamento e críticas com a atualidade, repensando a capacitação dos educadores.

Palavras-chave: empirismo, ensino intuitivo, práticas pedagógicas

Abstract: Vera Teresa Valdemarin (2004), in *Studying the Lessons of Things: Analysis of the Philosophical Foundations of the Intuitive Teaching Method*, presents an analysis of different textbooks based on the intuitive teaching method adopted in Brazil in primary education, at the end of the 19th century. First, the author builds the object of her study by summarizing and evaluating the main aspects of empiricism. Then, she analyzes four manuals that guided pedagogical practice in the aforementioned period, interweaving and criticizing the current situation, rethinking the training of educators.

Keywords: empiricism, intuitive teaching, pedagogical practices

Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo

A obra aqui resenhada trata da análise dos diferentes manuais didáticos constituídos a partir do método de ensino intuitivo, bem como da análise das diretrizes e das bases epistemológicas em suas diversas interpretações. Tais manuais eram para uso de alunos e professores no Brasil no ensino primário, no final do século XIX. Esses materiais foram introduzidos pelo decreto 7.247, de 19 de abril de 1879 do ministro Leôncio de Carvalho, substituindo os sistemas mecânicos de ensino, vigentes na época.

Valdemarin, como pedagoga, mestre e doutora em Educação, vem se dedicando ao ensino e à pesquisa na área da Filosofia da Educação, principalmente em estudos sobre os fundamentos filosóficos dos métodos de ensino, a formação de professores e a cultura escolar. A autora ainda estuda as concepções filosóficas que fundamentam a educação no Brasil, contribuindo para a crítica das práticas pedagógicas atuais e para a valorização do ensino realizado por educadores em geral.

Em Valdemarin (2004), o problema de estudo foi a transformação de princípios filosóficos em atividades de ensino no cenário da cultura escolar, analisando as relações entre método de ensino e método de conhecimento. Ainda, analisa a diferença entre as concepções filosóficas e os procedimentos didáticos, considerando os aspectos historiográficos do século XIX. A autora volta-se também para os séculos XVII e XVIII em função das teorias sobre o conhecimento dos filósofos empiristas.

Ao percorrer a leitura desse livro, os leitores vão se deparar com uma organização em quatro capítulos. Os dois primeiros se caracterizam por um panorama de referenciais teóricos no campo da filosofia, inicialmente trabalhando a formulação do objeto de estudo, que é seguida por uma síntese dos principais aspectos do empirismo e por uma análise dos fundamentos filosóficos conferidos às lições de coisas. Já os últimos capítulos são dedicados à apreciação e às conjecturas sobre o método de conhecimento e o método de ensino, bem como por reflexões plausíveis sobre a educação contemporânea.

No primeiro capítulo, a autora nos convida a entender a construção do objeto de estudo, através de estudos bibliográficos de diferentes perspectivas dos autores Eric Hobsbawn (1997), Forquin (1993), Bourdieu (1992), André Chervel (1990), Perrenoud (1995) e Yves Chevallard (1991). Além dessas perspectivas expostas, a autora fez referência à questão da relação entre o tempo de ensino e o tempo de aprendizagem, segundo autores como Marie Madeleine Compère (1997) e Caspard (1997).

O objetivo de Valdamarin (2004) ao pesquisar os autores supracitados foi compreender os elementos fundamentais do processo de transmissão do conhecimento pela escola, num processo de didatização, analisando-a enquanto instituição social. Outra questão problematizada pela autora diz respeito à teoria (filosófica) do conhecimento implícita aos procedimentos didáticos, sendo portanto necessário elucidar as relações entre método de ensino e método de conhecimento. Dessa forma, a autora buscou analisar determinados paradigmas filosóficos e suas repercussões nos aspectos educacionais, defendendo a influência deles na constituição do entrelaçamento entre cultura, contexto histórico e escola.

A autora resgatou ainda a importância da visão para o conhecimento, já que a condição do ver e do conhecer manifesta-se ao longo da filosofia desde a antiguidade. Considera-se que o olhar filosófico se dá a partir da reflexão acerca dos dados sensíveis, e da confluência de sentidos e de intelecto, numa visão que se eleva à compreensão. A visão que era pautada no mundo platônico-cristão, até o século XVII, vai cedendo lugar a uma ciência transformadora e ativa para a dominação da natureza, segundo a influência de Francis Bacon. Tal concepção veio a transformar a relação do homem com o mundo natural, proporcionando mudanças na educação em seus aspectos sociais, civilizatórios e de emancipação humana.

No segundo capítulo, Valdamarin (2004) priorizou analisar a influência da teoria do conhecimento, particularmente do empirismo, na cultura escolar, tomando como fontes as concepções de Francis Bacon, John Locke e David Hume. Esse capítulo foi dividido em três linhas: o conhecimento do mundo, o conhecimento do homem e o conhecimento possível. Sobre o conhecimento do mundo, o pensamento filosófico de Bacon e de seu novo método indutivo viriam a se constituir numa reforma completa do conhecimento científico. Sua finalidade era instituir poder ao homem sobre a natureza, considerando que a mentalidade científica seria alcançada a partir da exclusão de falsas noções, as quais o estudioso chamava de ídolos e que eram responsáveis pelos erros cometidos pelos homens que diziam fazer e desenvolver a ciência.

Em relação ao conhecimento do homem, Valdamarin (2004) destacou a obra de John Locke e sua publicação “Ensaio sobre o entendimento humano” (1741). Locke desenvolveu sua teoria sobre a origem e a natureza do conhecimento que decorrem da experiência, do

Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo

esforço, da razão e da vontade. Na sequência, Valdemarin (2004) analisou a obra de David Hume intitulada “Investigação acerca do entendimento humano” (1748). Hume, assim como Bacon e Locke, baseava-se na inexistência de ideias inatas e na afirmação de que a origem do conhecimento se localiza nos sentidos humanos, priorizando a experiência como caminho para a produção das impressões.

A escolha desses três autores teve como motivação compreender o modo através do qual o homem se constitui sujeito do conhecimento. Tal processo se dá a partir da transformação das coisas existentes no mundo sensível em objetos do conhecimento, sendo justamente nesse sentido que se fundamenta a necessidade de um método para conhecer. Dessa forma, pensar sobre a origem do conhecimento a partir dos sentidos alavancou uma nova concepção sobre os homens, a cultura, a escola e a educação.

Evoluindo para o terceiro capítulo, Valdemarin (2004) passou a discorrer sobre o método de conhecimento e o método de ensino, tratando os conceitos tão detalhadamente que o texto pode ser considerado repetitivo. No entanto, tal descrição não deixa dúvidas no entendimento do tema, facilitando para os leitores menos familiarizados com esse conteúdo. Nesse capítulo, são analisados quatro manuais que tinham por objetivo orientar a prática pedagógica de professores brasileiros, principalmente nas escolas infantis. Vejamos, então, que manuais são esses.

O manual criado por Fanny e Michel Delon (1892-1913), baseado nas formulações de Pestalozzi e Froebel (“Méthode intuitive. Exercices et travaux pour les enfants selon la méthode et les procedes”), valorizava a observação (visão) e o trabalho (ação) numa mesma atividade, enfatizando uma educação integral em seus aspectos intelectuais, físicos e morais. Outro manual intitulado “Lição de cousas”, de Saffray (1908), era mais destinado aos alunos. Sua elaboração substituiu a utilização dos objetos concretos por imagens, suprimindo o elemento essencial do método intuitivo – que é justamente o ensino intuitivo – e transformando-se em uma enciclopédia cuja exigência era a memorização em detrimento da autonomia das crianças.

Valdemarin (2004) também avaliou o manual “Plan d’études et leçons de choses pour les enfants de six à neuf ans”, de Jules Paroz (publicado em 1875, na França), que teorizava estimular a reflexão e o julgamento da criança, utilizando perguntas, respostas e representação por palavras. Entretanto, a prática seguia a mesma direção de Saffray, com

foco em memorização, informação de conhecimentos e prática moralista. Dessa forma, as lições de coisas nas concepções de Saffray e Paroz fogem ao propósito do método intuitivo.

Traçando comparações entre os manuais, Valdemarin (2004) exemplificou as atividades e as orientações com descrições minuciosas. Valorizou o manual “Lições de coisas”, de Calkins (1876), que se constituiu num marco fundamental para a implantação do método intuitivo no Brasil em 1880. Tal método, em linhas gerais, priorizou o hábito da observação, a experimentação, a imaginação, o raciocínio, a linguagem, entre outros. Toda teorização e prática visavam o desenvolvimento do raciocínio e da criação científica. Portanto, as lições de coisas em suas concepções, conteúdos e atividades propostas por Calkins e por Delon correspondiam à filosofia moderna e ao ensino intuitivo.

No último capítulo, são destacadas as ideias de Bachelard (1996). Tal autor considerava que os objetos de estudo e fatos investigados no século XIX são diferentes do século XX, pois atualmente não se busca o percurso das respostas, mas a capacidade de formular problemas, sendo que o empirismo já não pode ser considerado a base certa para o conhecimento. Na ciência contemporânea, o objeto de estudo é construído ao invés de dado a priori como um fenômeno natural. Assim, os procedimentos de ensino precisam de novas diretrizes, e alerta-se sobre o risco de conclusões precipitadas em meio à aceleração e à tendência a generalizações apressadas em nossa época. Outro autor considerado por Valdemarin (2004) foi Saviani (2000) e sua concepção histórico-crítica como direção para as práticas pedagógicas, entendendo a escola como um lugar de transformação do saber elaborado e sistematizado.

Feitas as devidas argumentações, Valdemarin (2004) fez uma crítica ao conteúdo ensinado nas escolas na atualidade, uma vez que tal conteúdo não é congruente com os elementos epistemológicos que fundamentam a ciência contemporânea – sendo esta a grande diferença em relação ao século XIX.

Para finalizar, consideramos relevantes e coerentes as contribuições dessa obra. A partir da análise das lições de coisas, uma reflexão em relação às práticas pedagógicas da atualidade para garantir a aprendizagem é possível, repensando a capacitação dos educadores, os métodos de ensino, e a complexidade do processo de transposição didática. Dessa forma, recomenda-se a leitura deste livro para pessoas estudiosas e interessadas em educação e filosofia.

Referência

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

Sobre os Autores

Marcia Salete Wisniewski Schaly

Mestranda em educação pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP); Graduada em psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Especialista em psicopatologia da infância e adolescência pelo Centro Universitário SOCIESC de Blumenau; Especialista em magistério de 1º e 2º grau pelo Instituto Brasileiro de Pós-graduação e Extensão de Curitiba (IBPEX); Possui título de especialista em psicologia clínica e hospitalar pelo Conselho Regional de Curitiba (CRP/08).

e-mail: marciasws@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0554-6753>

Anita Helena Schlesener

Pós-doutora em educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Doutora em história pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Mestre em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Graduada em filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Atualmente é professora do curso de pós-graduação em mestrado e doutorado na Universidade Tuiuti do Paraná.

e-mail: anitahelena1917@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2768-5858>

Recebido em: 25/07/2021

Aceito para publicação em: 01/08/2021